

## O DESAFIO DA EMANCIPAÇÃO HUMANA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO.

Autora (Ana Paula Ferreira Agapito<sup>1</sup>); Co-autor (Adriano Amaro da Silva<sup>2</sup>); Co-autora (Claudivania de Almeida Laurentino<sup>3</sup>); Co-autora (Fernanda Ramalho dos Santos Carvalho<sup>4</sup>); Orientadora (Liélia Barbosa Oliveira<sup>5</sup>)

*Faculdades Integradas de Patos (FIP), e-mail: [anaagapito@fiponline.edu.br](mailto:anaagapito@fiponline.edu.br)*

### Resumo

O texto a princípio evidencia a educação vigente na sociedade capitalista enquanto um modelo voltado para a qualificação do homem em conformidade com as demandas do mercado de trabalho. Partimos do pressuposto de que o modelo de educação implementado na sociedade brasileira, contribui para o fortalecimento da ideologia dominante em detrimento da classe trabalhadora. Entendemos que na política de educação se expressa às estratégias do capital, através de um conjunto de reformas permeadas por uma ideologia dominante que visa o estímulo ao desenvolvimento científico e tecnológico numa perceptiva de lucro, ocultando assim, as desigualdades econômicas, políticas e sociais existentes na sociedade vigente. Nesse sentido, o presente artigo trata-se de uma discussão bibliográfica – com base em Tonet (2016) - que objetiva refletir acerca dos desafios para a construção de um modelo educacional que incida para o processo de emancipação humana. Pois comungamos com a perspectiva do referido autor, Tonet (2016), ao afirmar que a educação representa um caminho para a emancipação humana.

**Palavras-chave:** Emancipação humana, Educação, Trabalho.

### Introdução

Esse artigo objetiva apresentar reflexões sobre emancipação humana, a partir de Tonet (2016) em sua obra “Educação Contra o Capital”, dando ênfase a influência das relações de poder entre capital e trabalho na estruturação da política de educação brasileira. O sistema educacional é um dos mecanismos de controle do capital sobre o trabalho, no qual está expresso a regulamentação de leis que interferem na realidade social dos países

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de Bacharelado em Serviço Social das Faculdades Integradas de Patos (FIP). Colaboradora do Projeto de Extensão Escola Viva! Autonomia, emancipação e protagonismo juvenil. Mestre em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

<sup>2</sup> Discente do 6º período do Curso de Bacharelado em Serviço Social das Faculdades Integradas de Patos (FIP). Voluntário no Projeto de Extensão Escola Viva! Autonomia, emancipação e protagonismo juvenil.

<sup>3</sup> Discente do 6º período do Curso de Bacharelado em Serviço Social das Faculdades Integradas de Patos (FIP). Voluntária no Projeto de Extensão Escola Viva! Autonomia, emancipação e protagonismo juvenil.

<sup>4</sup> Discente do 6º período do Curso de Bacharelado em Serviço Social das Faculdades Integradas de Patos (FIP). Voluntária no Projeto de Extensão Escola Viva! Autonomia, emancipação e protagonismo juvenil.

<sup>5</sup> Docente do Curso de Bacharelado em Serviço Social das Faculdades Integradas de Patos (FIP). Coordenadora do Projeto de Extensão Escola Viva! Autonomia, emancipação e protagonismo juvenil. Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Bacharel em História/UFCG. Bacharel em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

subdesenvolvidos. Pode-se compreender que as políticas educacionais no Brasil estão vinculadas aos interesses do capital, embora, a legislação assegure o direito a saúde, educação, trabalho, moradia e etc.

Outrossim, propondo compreender a sociedade capitalista como centro construtor e mantedor da educação em suas bases teóricas e ideológicas, no qual visa qualificar o sujeito para inserção no mercado de trabalho, e não estimulá-lo para a sua emancipação, no que tange a uma perspectiva livre e libertadora. Entende-se que o modelo educacional vigente imprime uma forma de ensino e aprendizagem tradicional sem criticar o “*Status quo*”<sup>6</sup>. Pensar em um modelo educacional que possibilite transformar é vislumbrar a desmistificação das contradições que permeiam as relações sociais capitalistas perante a consciência dos indivíduos sociais.

É necessário partir do trabalho como fundamento ontológico do ser social, tendo em vista a concepção de educação voltada ao tipo de sociedade que se deseja construir, almejando a emancipação humana para além da emancipação política. Porque na emancipação política os sujeitos não desfrutarão de ser plenamente livre e possuir a liberdade que o deseja, apresentando somente mudanças graduais e isoladas. Cabe destacar que a liberdade aqui entendida compreende a ideia de que os valores de uma sociedade estão baseados na valorização da experiência humana, ou seja, a ética vigente valoriza os indivíduos em sua concretude em detrimento dos valores baseados em bens materiais ligados ao “ter” de caráter capitalista.

Nesse sentido a emancipação humana, potencializará nos sujeitos formas que vão além de suas bases singulares, portanto, permitindo dos mesmos alcançar em plenitude a liberdade plena, digna de uma sociedade emancipada.

Entendemos que na sociedade capitalista a educação se torna um berço de contradições entre os interesses do capital e das demandas do trabalho na formação futura dos sujeitos, ou seja, a estrutura vigente do modelo educacional brasileiro favorece a lógica capitalista de preparação da força de trabalho para atender as demandas do mercado nacional e internacional, possibilitando apenas a emancipação política dos sujeitos.

## **Relações de poder e trabalho**

---

<sup>6</sup> Status quo- foi denominado pela classe trabalhadora como aquilo que permanece ileso, ou que não deixa mexer na superestrutura da ordem do capital, muito encontrado nas obras de autores influenciados por Karl Marx e György Lukács.

Enquanto sociedade fundada pela compra-e-venda da força de trabalho, o ser social, encontra no trabalho, as objetivações e subjetivações incompletas para se reproduzir como ser constituído por relações materiais e imateriais da vida humana, isto é, o sistema capitalista tem na sua gênese a exploração do homem pelo homem, e ao mesmo tempo faz do mesmo objeto dessa relação, primando-o como parte dessa mercadoria a lógica da reprodução social.

Desse modo, consagra-se nesse sistema a relação entre proletariados e burgueses, estes primeiros, donos de sua única mercadoria, a força de trabalho, enquanto esses segundos, possuidores e dominadores dos meios de produção, e detentores da ideologia dominante. Ou seja, usam-se instituições da sociedade, como Igreja, Estado e Família, como aparato ideológico de manutenção da ordem. Assim, uma vez que através da política de educação, incorpora a ideologia do grupo dominante capitalista ela é disseminada demasiadamente entre os indivíduos que estão inseridos em sociedades onde o sistema determina a força econômica como sistemática e pragmática em todas as relações humanas.

Diante disso, o trabalho como meio que funda o ser social, é uma atividade humana paulatinamente ligada a educação, sendo ela formal e informal, porém, relativa a ordem dominante, que regula, monitora e planeja o que efetivar nos conteúdos e ensinamentos perante saídas estratégicas em momentos de crises ou puncionar as roletas do sistema capitalista, de maneira a enfrentar congestionamentos de embates de classes majoritariamente inferiores de poder, que com suas forças coletivas, adquire força insuficiente de revolução.

A atividade humana denominada trabalho, transforma o homem, assim como transforma a natureza, ambos mantêm uma relação de reciprocidade. Todavia, com mais participação do ser social na construção e transformação de si mesmo e das determinações da vida humana. Deste modo, o trabalho é inerente ao homem, e este, não pode existir sem a natureza e, por conseguinte sem o trabalho. Assim, o trabalho realiza no homem uma ação voltada para transformação dos objetos encontrados na natureza, que é relativamente a práxis<sup>7</sup>, no qual são interligados nas dimensões da vida em coletividade, e perpassados de gerações para gerações.

Outrossim, segundo Ivo Tonet (2016, p. 53):

Na esteira de Marx, definimos o trabalho como a única categoria que faz a mediação entre o homem e a natureza. Neste sentido, nenhuma outra atividade humana é trabalho. No entanto, essa transformação da natureza é, sempre, uma atividade de caráter social (ainda quando seja realizada por um indivíduo singular).

---

<sup>7</sup>Práxis- ação voltada para um fim, e que esteja ligada alguma objetivação humana.

Com efeito, há de alguém discordar o que já foi supracitado anteriormente, no entanto, tudo fará sentido se associamos o trabalho e a educação como fator estupendo da emancipação humana, pois ambos são umas das categorias centrais da liberdade do ser humano, pois a educação edifica o homem para vida e o trabalho transforma e dignifica esse homem em seu meio social, portanto, a emancipação é uma “utopia alcançável” para se problematizar através da educação, uma vez que realizando essa emancipação, “[...] não haverá forças estranhas que determinam o processo social” (TONET, 2016, p. 22), mas sim os próprios sujeitos agindo coletivamente, permitindo ser conhecedores de seus direitos e deveres em sociedade, desvelando criticamente essas relações de poder na qual os mesmos estão contidos como objetos de exploração e dominação do capital.

### **Educação e emancipação humana**

De acordo com Tonet (2016), a emancipação humana e a educação são intrinsecamente ligadas perante a forma de passar a cidadania crítica para os sujeitos singulares e universais. Dessa maneira, tende a concatenar nesse momento uma sociedade que deixe de elevar a ordem política e econômica, passando a fomentar uma perspectiva de superação dessa ordem vigente, onde sujeitos possam escolher o que é melhor para eles, não deixando uma força exterior aos mesmos coordenar seus passos em sociedade, ou melhor, transparecendo, não os impedindo de realizar a livre cidadania, que na ordem vigente não dispõe totalmente.

Logo, é indispensável enfatizarmos que a desigualdade social é inerente ao sistema capitalista, sendo determinante para o processo de acumulação do capital a exploração sobre o trabalho. Destaca-se que a desigualdade social é intensificada através da consolidação de estratégias políticas e econômicas do Estado para uma cidadania regulada, nos quais os trabalhadores são incluídos e excluídos de alguns direitos sociais e trabalhistas. Entendemos que o Estado, enquanto representação da ideologia burguesa decreta leis sobre o que são direitos e deveres para todos na sociedade capitalista, usando-se do discurso ideológico da cidadania e democracia como meios de manutenção do *status quo*.

[...] a dimensão democrático/cidadã é, ao mesmo tempo, expressão e condição de reprodução da desigualdade social. O que significa que, por mais aperfeiçoada que seja a cidadania, ela jamais eliminará a desigualdade social, jamais

permitirá aos indivíduos serem efetiva e plenamente livres (TONET, 2016, p. 49).

Tonet (2016), destaca a questão de aperfeiçoamento da cidadania/democracia na ordem vigente. Todavia, não acreditando na eliminação da desigualdade social na sociedade, pois “o trabalhador assalariado pode perfeitamente ser um cidadão, no gozo mais pleno dos seus direitos. No entanto, ele jamais deixará de sofrer a exploração e a dominação do capital” (TONET, 2016, p. 49). Segundo o referido autor, é necessário que os sujeitos se organizem politicamente, na sua forma mais emancipada possível, retomem o caminho da construção de uma sociedade livre, igualitária e humana, em razão de uma cidadania mais justa mediante suas objetivações e subjetivações.

Destarte, a emancipação humana oferece uma liberdade ao indivíduo que antes não absteria na ordem econômica, pois se observamos, hoje, o mundo intensificou suas relações econômicas, a partir de uma perspectiva de implementação de novas tecnologias no modo de produção, afetando tanto os trabalhadores pela rigidez do trabalho fragmentado e flexibilizado, como pelas condições objetivas vigentes. Logo, é pertinente enfatizar que para atingir a emancipação humana, é imprescindível:

Uma forma de sociabilidade plenamente livre exige, também, uma forma de trabalho que seja a mais livre possível. Tal forma de trabalho é chamada, por Marx de trabalho associado, ou “livre associação dos trabalhadores livres (TONET, 2016, p. 50).

Segundo Tonet (2016), o trabalho associado é inerente à emancipação humana porque permite aos homens se desenvolverem a partir de forças coletivas de homens livres, onde a produção abrangeria o atendimento das necessidades de todos. Ou seja, não haveria exploração do homem sobre o homem, nem divisão de classes sociais entre os que dominam e os dominados.

Comungamos com o pensamento de Tonet (2016), quando defende que o trabalho e a educação estão relacionados com a emancipação humana e não com a cidadania regulada consolidada no Estado vigente. Desse modo, é indispensável abordar os conteúdos educacionais numa perspectiva crítica, dando ênfase ao processo histórico em que os homens transformam a natureza e a si mesmo por meio da práxis, buscando atender suas necessidades materiais e imateriais para sobreviver.

É fundamental que a educação possibilite aos homens uma participação questionadora e propositiva nas decisões políticas, econômicas e sociais que trarão implicações para as suas vidas. De acordo com Tonet (2016), a educação emancipadora visa:

Este segundo momento, o da realização de atividades educativas de caráter emancipador, implica orientar, em cada atividade concreta, o trabalho no sentido de uma formação radicalmente crítica. Radicalmente crítica e não apenas crítica. O que significa uma formação que permita o acesso ao que de mais profundo a humanidade produziu até hoje em termos de conhecimento. (TONET, 2016, p. 57).

Neste sentido, a emancipação é compreendida para além da formação de homens críticos, mas de possuir um aparato de formação para a vida e conseqüente construção de sua própria história.

### **A persistência da emancipação política na ordem social**

Com base em Tonet (2012), compreende-se que a essência ontológica da educação representa o desenvolvimento das habilidades plenas do ser social, tendo com horizonte a emancipação humana. No entanto, essa proposta de educação não se encaixa na necessidade do capital de exploração da força de trabalho para extração da mais-valia excedente.

Para o referido autor, há uma discrepância em alguns autores por entenderem que a emancipação política é a forma mais elevada possível de emancipação, porém, não é. A escassez de leituras mais críticas e a luz da perspectiva emancipatória plena se torna inoperante na medida em que nos deixamos levar pela manipulação ideológica da informação.

Por isso, é instigante em um primeiro momento ratificar que emancipação política se articula com as categorias da ordem econômica, como taxas de lucros, meios de produção, alienação, cidadania, democracia e etc. Uma emancipação que aliena e exclui, ou seja, a emancipação política é mais uma maneira de manutenção da ordem política e econômica vigente.

O indivíduo emancipado politicamente não realiza totalmente o que deseja, pois enquanto houver forças dominantes, os conteúdos educacionais serão conduzidos e influenciados pelos interesses da burguesia. Esta classe dominante ficará mais hegemônica no seu “campo de batalha”, traçando estratégias para a permanência de dois objetivos fundamentais:

[...] a hegemonia desta classe impõe que a educação tenha dois objetivos fundamentais: a formação para o trabalho (mão-de-obra para o capital) e a educação para cidadania e a democracia (a estruturação de uma concepção de mundo, de ideias, de valores adequados para a reprodução desta ordem social. (TONET, 2016, p. 54).

Consequentemente, uma sociedade que persiste no teor de emancipação limitada e fragmentada, que desumaniza o indivíduo nas suas perspectivas de vida formulando uma mera passividade desses sujeitos perante a sociedade de classes, na qual a integralidade do indivíduo eminentemente emancipado passa longe do possível de sociedade efetivamente livre do capital.

Destarte, impetrando ainda mais a lógica de sociedade que reproduz em seus princípios a desumanidade de indivíduos que estão altamente ligados a mercantilização das relações humanas, isto é, trabalhadores que saíram da educação formal e informal para servir de mero reprodutor da ordem do capital, aglutinando na esteira da vida - decepções e lamentações. Dessa maneira, para desviar esse foco de educação, seria necessário, conforme o autor:

Uma educação que pretenda contribuir para formação de indivíduos efetivamente livres deve, necessariamente, significar a formação de pessoas comprometidas com a transformação radical da sociedade, ou seja, com a revolução (TONET, 2016, p. 55).

Em suma, vislumbra-se uma educação fundamentada numa perspectiva de transformação social, não apenas de sujeitos singulares, mas de toda a humanidade, abrangendo a totalidade social. Moldando assim, o rumo da educação e da questão do trabalho associado, pois, é atividade que move o homem e sua relação com a natureza.

### **Considerações finais**

Compreendemos que o trabalho é o fundamento ontológico do ser social, no qual o homem realiza para produzir e se reproduzir na execução das suas atividades, apresentando um caráter próprio da sua natureza, onde assim transforma o seu meio, se humaniza, desenvolve habilidades e busca novas respostas para atender suas necessidades de sobrevivência.

Vivemos em uma sociedade capitalista permeada pela divisão de classes sociais, acumulação de capital, acúmulo de riquezas produzidas através da exploração da força de trabalho do trabalhador nas mãos de uma classe menor (burguesia). Constatamos que as relações de poder existentes e as desigualdades entre as relações da classe Burguesa x Proletariado, se baseia na exploração do homem pelo homem, deixando de ser a expressão das suas necessidades para ser a acumulação de riqueza da classe dominante, atingindo assim a sociedade capitalista.

Concluimos que para atingir a emancipação humana é crucial modificar as estruturas do modo de produção capitalista, e conseqüente da educação vigente. Vislumbra-se uma educação que objetive desenvolver indivíduos participativos e, questionadores. Não basta um modelo de educação que atenda aos interesses do capital, no qual prevalece a cultura do “ter” e não do “ser”.

## **Referência**

TONET, Ivo. **Educação contra o capital**. 3ºd. São Paulo: Instituto Lukács, 2016.